



A MORAL DA INFIDELIDADE: O DECLÍNIO DO FEMININO

Tâmara Duarte de Medeiros; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba - E-mail: hermanorg@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba - E-mail: tamaraduarte.br@gmail.com

RESUMO: As compilações populares representam para o nordestino bem mais do que manifestações de caráter estético, artístico. São, na verdade, expressões de uma prática cultural, um documento onde se presentificam o imaginário, o saber, os anseios, enfim, valores sócio-ideológicos de um povo, os quais, veiculados através de sua literatura, evidenciam traços identitários ainda em efervescência, tanto em sua memória quanto em suas práticas comportamentais. No romance *A mulher infiel*, em particular, encontramos valores axiológicos que revelam, de certa forma, o fazer cultural do nordestino, mostrando, inclusive, que os princípios morais superam os sociais. Nosso trabalho, respaldado na semiótica das culturas, objetiva analisar as estruturas narrativa e conceptual do referido romance, buscando observar a correlação entre o fazer do sujeito e a sociedade na qual está inserido.

Palavras-chave: Gênero – Honra – Romanceiro Popular

1. Preâmbulo

Este trabalho propõe-se a analisar a presença e o papel das ideologias em versões do romance oral *A Mulher Infiel*, coletadas em cidades do interior e da zona urbana da Paraíba. A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos da Semântica Cognitiva, proposta por Potier e interpretada por Barbosa, segundo a qual a *conceptualização* (estrutura *hiper-profunda*) compreende o segundo momento do processo de enunciação. Trata-se do estágio que precede à estrutura

fundamental ou *profunda* preconizada pela semiótica greimasiana e corresponde ao momento em que são engendrados os *conceptus* que o sujeito têm a propósito das coisas que estão à sua volta.

Dentro do patamar *conceptual*, há três estruturas: o *arquiconceptus*, o *metaconceptus* e o *metametaconceptus*. Nossa análise, portanto, compreenderá o processo de (re) conceptualização de um texto extraído do romanceiro popular, uma fonte riquíssima de recursos expressivos e reveladora da lídima



inspiração artística e do legítimo saber popular.

Assim, pretendemos examinar como se constrói a imagem do homem e da mulher, seus valores e atribuições sociais, no contexto em que são produzidas e cantadas essas apazíveis narrativas populares.

2. O *Arquiconceptus*

Evidenciam-se na narrativa dois *arquissememas* relacionados à cultura nordestina: *honra* e *desonra*, que estão sempre ligadas ao matrimônio, num contexto em que a dignidade do homem está condicionada à conduta da esposa. À mulher é imposta a obrigação de manter sempre um perfil de conduta irrepreensível, além das já cristalizadas atribuições de mãe, dona-de-casa e responsável pela criação dos filhos. Traição feminina pode significar um erro cujas conseqüências levam a extremos irreversíveis.

O romance *A Mulher infiel* narra a história de um homem que, ao chegar a casa para almoçar, surpreendeu a mulher em ato de adultério. Desapontado e enfurecido, o marido traído tirou a vida da infiel esposa, a fim de salvar sua reputação. Em seguida, dirigiu-se ao delegado da cidade e confessou o crime que cometera em nome da própria honra. O

delegado assentiu sua atitude. A sogra, ao saber do homicídio, reprovou a atitude do genro afirmando ser dever da mãe aplicar o devido castigo ao filho. Contudo, o marido mudou-se impunemente para outra cidade à procura de uma mulher que lhe fosse fiel companheira.

A narrativa constrói-se num ambiente social altamente impositivo à figura feminina, de sorte que os deveres da mulher simplesmente suplantam os seus direitos. O homem, por outro lado, dispõe do pleno gozo de prerrogativas. A figura da mulher no romance em questão ocupa os dois pólos que sustentam a narrativa – honra e desonra. Isso significa dizer que *honra* corresponde à integral fidelidade que a mulher deve dedicar ao marido. No entanto, essa regra é violada pela esposa que, além de infiel, demonstrou total descaso com seu compromisso marital ao praticar atos de absoluta indignidade e impolidez que redundaram na desonra do marido. Vejamos o trecho de uma das versões coletadas:

*“Cheguei em casa com o sol tão quente,
Quando entrei em casa, eu encontrei outra
gente
Mulher danada bote o meu jantar
Você já vem com sua danação
Volte pro roçado, não tem jantar não...”*



Depois desse episódio, o marido, para livrar-se da ignomínia que lhe sucedera, assassinou a mulher indigna. Caso o adultério não ocorresse, o homem, evidentemente, não teria cometido o uxoricídio, pois teria ao seu lado uma companheira íntegra e verdadeira, cuja fidedignidade lhe asseguraria o necessário respeito perante a sociedade. Com isso, pode-se afirmar que *honra* e *desonra* são conceitos potencialmente atrelados à mulher: no plano do ideal, mulher corresponderia à garantia de respeito e prestígio social; no plano do real, no caso específico desta narrativa, a mulher representa a aviltante e vexatória condição do homem vitimado pela traição e para o qual a ‘única solução’ é o extermínio da ‘então traidora’

3. O *Metaconceptus*

Como sabemos, em lugares distantes de áreas urbanas, os conceitos que desfavorecem a mulher permanecem ainda insidiosamente arraigados. A superioridade masculina é algo inquestionável no imaginário popular. A religião cristã, nesse caso, contribui de maneira preponderante para a fixação de um pensamento socialmente discriminatório à mulher. Segundo a bíblia, o homem foi criado à semelhança de Deus e representa a glória de Deus; ao passo que a mulher foi formada a partir do homem e

representa a glória do homem. Disso decorre inevitavelmente a crença na supremacia masculina.

No Nordeste brasileiro, principalmente nas regiões interioranas (onde foram coletadas as versões aqui analisadas), o apego à religiosidade é bastante acentuado. Acredita-se irrestritamente em milagres, promessas, enfim, na efetiva atuação do poder divino. A maioria das pessoas pratica assiduamente a religião cristã, esta imbuída de princípios e ensinamentos preconceituosos. O próprio vocábulo que designa a divindade suprema é do gênero masculino – Deus –, que, em geral, remete-nos para um ser soberano, impositivo, severo, por vezes vingativo e intransigente.

A mulher é convencionalmente considerada um ser frágil, vulnerável, desprovida de certos atributos caracteristicamente masculinos, ao mesmo tempo em que representa o pecado, a fraqueza do homem; porquanto, de acordo com as escrituras sagradas, foi Eva quem convenceu Adão a comer do fruto proibido. O castigo divino sobreveio a ambos: à mulher, dores ao conceber o filho; ao homem, trabalho para a provisão do lar.

A religião exerce inegavelmente forte influência na formação da concepção de mundo das pessoas. Por isso, o homem é concebido como ser dotado de força, autoridade e domínio, enquanto à mulher são



atribuídas susceptibilidade e inferioridade, cabendo-lhe tão-somente o cumprimento de obrigações impostas por “leis naturais e divinas” e sua total sujeição ao homem.

Na história *A Mulher Infidel*, a esposa comete um erro que compromete a dignidade e o prestígio do marido: o adultério. Isso ocorreu num ambiente social em cuja atmosfera fervilham preceitos de imposição e de repressão à mulher, de tal forma que ela pode perder até a vida para propiciar a redenção do cônjuge. Com isso, não houve escapatória: a infiel esposa sucumbiu aos atrozes golpes de punhal do impiedoso marido, que, após esse ato, confessou o crime ao delegado da cidade, o qual sequer hesitou em aplicar a lei: simplesmente aprovou a execução da ignominiosa esposa. Todavia, o marido violou um princípio religioso basilar: não matar. Por isso, convém ressaltar que a religiosidade opera até o momento em que os valores masculinos prevalecem. A soberania do homem está acima da religião e da lei.

A isenção de qualquer culpabilidade ou punibilidade que a autoridade legalmente competente – o delegado – concedeu ao marido uxoricida justifica-se pela necessidade que o meio social impõe ao homem de “salvar a honra custe o que custar”, principalmente quando a mulher for o motivo de sua conspiração. Trata-se de valores ideológicos que se convertem em regras sociais a serem

irremediavelmente seguidas pelos indivíduos. O delegado, de fato, descumpriu a lei. No entanto, no contexto em que ocorreu o crime, só lhe coube o dever de eximir o marido da punição, asseverando tacitamente não haver crime maior do que uma desonra ao provedor do lar. Além disso, o fato de o marido entregar-se à polícia já evidencia outros valores relacionados à figura do homem: bravura e coragem – marcas típicas do homem interiorano. Sua intrepidez ratifica-se e se reforça quando ele afirma, em algumas versões, ser capaz de matar outra vez caso seja novamente traído. Em outras versões, é o próprio delegado quem lho recomenda, como se observa no fragmento:

*“Pegue seus dois filhinhos e leve pra o sertão
Chegue lê, torne a casar
Se a mulher for falsa, torne a matar”*

Apesar das variantes, a concepção discriminatória permanece intacta: a mulher está peremptoriamente sujeita à sentença fatal quando macular a imagem do homem.

A sogra, inconformada com o crime, condenou a ação do genro. Em algumas versões, ela afirma que deveria ter sido comunicada do adultério, a fim de aplicar a correção adequada à filha promíscua. Já outras versões constam apenas da desaprovação, o que não nulifica o papel de



extrema submissão da mulher, pois, em nenhum momento, o marido sofre ameaça de sentença condenatória, conforme se constata no trecho:

*“Oh minha sogra, eu matei Maria
Pela falsidade qu’ela me fazia
Você matou foi de desgraçado”*

4. O Metametaconceptus

Para agir sobre o outro, um sujeito utiliza-se de vários mecanismos de manipulação. No patamar metametaconceptual de *A Mulher Infiel*, nota-se claramente que o homem, aproveitando-se dos privilégios que o meio lhe atribui, sobrepuja a mulher. Porém, ele ultrapassa a simples demonstração de superioridade: usa de um engenhoso artifício para legitimar a sua ação medonha: Deus e até mesmo a figura do diabo, o que dá maior complexidade à interpretação da história.

Numa das versões, o homicida afirma ter amparo divino para executar o crime, acreditando que, com isso, livrar-se-ia do opróbrio matrimonial. Em grande parte das versões, porém, ele, como que reconhecendo sua perversidade, diz ter ido para o “cão”, numa alusão ao diabo. Por se tratar de textos da modalidade oral, é comum a coexistência

de versões com certas divergências entre seus segmentos temáticos. Vejamos:

*“Passei de Deus, fui para o cão
Dei-lhe uma punhalada, ela caiu no chão...”*

A efervescência de marcas da religiosidade popular transparece no trecho acima. Figuras do mundo espiritual, *Deus* e o *diabo* consubstanciam-se numa antítese que traduz conceitos dicotômicos muito marcantes no discurso religioso e que, basicamente, se resumem na oposição *bem x mal*.

Os lexemas *Deus* e *cão* aparecem em cinco das versões analisadas. Recorrendo a *Deus*, o marido visa a mostrar que possuiu aval divino para matar a mulher, ou seja, que seu ato foi respaldado por um ser culturalmente superior, e que, portanto, não deve haver contestação. Mencionando o “cão”, ele intenta impactar, isto é, projetar-se como o temível vingador de cuja valentia e honradez não se deve duvidar. Ser reconhecidamente um varão valoroso é o que ele anseia de maneira ardente. Sua avidez pela *honra* é tamanha, que ele pode passar da bondade para a malevolência. Em outras palavras: enquanto trabalhava, cumpria a função para a qual Deus o designou; agora que foi traído, agiu conforme a vontade do diabo.

Nas versões em que não aparecem Deus e o Diabo, o marido recorre a outra



autoridade superior: o delegado. Numa demonstração de impavidez, o marido entrega-se à autoridade legalmente constituída, talvez até totalmente consciente de que será absolvido. Além da absolvição, recebeu a aprovação do delegado, como se verifica no trecho:

*“ – Seu delegado, eu matei Maria
Pelas falsidades qu’ela me fazia
Você matou e não tem crime não
Pegue seus dois filhinhos e vá pra o sertão. ”*

Essa diversidade, entretanto, possui um núcleo comum: a intencionalidade, que nesse contexto se configura como a finalidade de mostrar que a honra do homem está acima de qualquer coisa. A honra masculina tem de se consolidar, mesmo para isso que seja necessária a intervenção judicial, divina ou mesmo diabólica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho observou como é concebida a figura da mulher, na condição esposa, e do homem, como marido defensor inarredável da honra, no imaginário do povo nordestino. Analisando onze versões do romance *A Mulher Infidel*, que narra a história de uma mulher adúltera, verificamos a veemente influência dos valores sociais e

axiológicos que confirmam a supremacia masculina. Fato interessante é a alternância do homem em relação à religiosidade: ora o apego (quando esta ratifica o seu poderio), ora o total afastamento (quando os preceitos religiosos o sentenciam punitivamente).

Além disso, vimos também como a honra do homem se sobrepõe à força da lei, principalmente quando ela (a honra) é ameaçada por um “desvio de conduta” da esposa.

Quais as implicações para a consumação de um adultério feminino? Qual a reação do homem traído? Que posturas assumem a família e a sociedade que vivenciam este episódio? As conseqüências recaem duramente sobre a mulher, que tem a morte como única e irremediável sentença.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: UNESP, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso - Fundamentos Semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.



BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

BRDESCO-GOUDEMANT, Yvone. **O ciclo dos animais na literatura popular do nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

CASCUDO, Luis Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universitária, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. Da poesia popular narrativa no Brasil. In: **Caderno de Letras**. Número especial de Literatura Popular, N° 03, Ano 02. João Pessoa: UFPB/CCHLA/DLCV, Julho de 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor de Romances Trágicos**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Editora Universitária, 1984.

CHABROL, Claude et al. **Semiótica narrativa e textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CORREIA, João David Pinto. **Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1997.

COSTA, Gutemberg. Cangaceiros na Literatura de Cordel. In: **Estudos em Literatura Popular**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

COURTÉS, J. **Sémiotique – Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachete, 1979.

COURTÉS, Joseph. **Analyse Sémiotique du Discours. De l'énoncé à l'énonciation**. Paris: Hachette, 1991.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FAVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e Escrita – Perspectivas para o Ensino de Língua Materna**. São Paulo: Cortez, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 8ª edição. São Paulo: Editora



Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.**

São Paulo: Editora Ática, 1999.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** 5ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1998.

GREIMAS, A. J. Os Atuantes, os Atores e as Figuras. In: **Semiótica Narrativa e Textual.** São Paulo: Cultrix, 1977.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem.** Tradução de J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1973.

PAIS, Cidmar Teodoro. Conceptualização, denominação, designação: relações. In:

Revista Brasileira de Lingüística – SBPL, v. 09. São Paulo: Plêiade, 1997.

PAIS, Cidmar Teodoro. Lazer, trabalho, afeto, paixões e valores na cultura e na sociedade brasileiras: ensaio em semiótica das culturas. In: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL,** v.10. São Paulo: Plêiade, 1999.

PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, Discurso e Universo de Discurso. In: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL,** nº 1, v.8. São Paulo: Plêiade, 1995.